

RODRIGO DE HARO

folias do ornitorrinco



editora ufsc

Folias do ornitorrinco

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Reitor

Alvaro Toubes Prata

Vice-Reitor

Carlos Alberto Justo da Silva

EDITORA DA UFSC

Diretor Executivo

Sérgio Luiz Rodrigues Medeiros

Conselho Editorial

Maria de Lourdes Alves Borges (Presidente)

Carlos Eduardo Schmidt Capela

Clélia Maria Lima de Mello Campigotto

Ione Ribeiro Valle

João Pedro Assumpção Bastos

Luís Carlos Cancellier de Olivo

Miriam Pillar Grossi

Sérgio Fernandes Torres de Freitas

Editora da UFSC

Campus Universitário – Trindade

Caixa Postal 476

88010-970 – Florianópolis-SC

Fones: (48) 3721-9408, 3721-9605 e 3721-9686

Fax: (48) 3721-9680

editora@editora.ufsc.br

www.editora.ufsc.br

Rodrigo de Haro

Folias do ornitorrinco

© 2011 Rodrigo de Haro

Direção editorial:

Paulo Roberto da Silva

Capa:

Maria Lúcia Iacziński

Editoração:

Cristiano Tarouco

Revisão:

Flavia Vicenzi

Ficha Catalográfica

(Catalogação na publicação pela Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina)

H292f Haro, Rodrigo de, 1941

Folias do ornitorrinco / Rodrigo de Haro. – Florianópolis :
Ed. da UFSC, 2011.

88 p.

1. Poesia catarinense. I. Título.

CDU: 869.0(81)-1

ISBN 978-85-328-0579-9



Este livro está sob a licença Creative Commons, que segue o princípio do acesso público à informação. O livro pode ser compartilhado desde que atribuídos os devidos créditos de autoria. Não é permitida nenhuma forma de alteração ou a sua utilização para fins comerciais.

br.creativecommons.org

Em memória de Martinho de Haro.

Mesmo tudo nada é.
Santa Teresa de Ávila

Sumário

Magistério .	13
Inseto .	14
Imagem Piedosa .	15
Jogo .	16
Vigia .	17
Na mesa da copa .	18
Cantar é inútil .	19
Caleidoscópio .	20
Galeão .	21
Para acordar o novo canto .	22
Sobre um versículo do Eclesiastes .	23
Poesia excluída da Natura .	24
La Tête du Belier .	25
Erasmus .	26
Hodie! .	27
Anedota .	28
Alumette .	29
Eco .	30
Reflexão numa taba .	31
Andarilho .	32
Um acidente .	33
Coral .	34
Clepsidra .	35

Chá	. 36
Não posso negar	. 37
Natureza-morta	. 38
Vigília	. 39
Coribante	. 40
Miragem	. 41
Caramujo	. 42
Pombo	. 43
Buquês	. 44
Arlequim	. 45
Dama ao volante	. 46
Corpo celeste	. 47
Trapezista	. 48
Na Síria Oriental	. 49
Cão dormindo na soleira da porta	. 50
Fogo de Artifício	. 51
Sino	. 52
Tambor	. 53
I walk with a zombie	. 54
Oficina	. 55
Moleiro sonâmbulo	. 56
Fisiognomonía	. 57
Sonho	. 58
Largo 13 de Maio	. 59
A cama desfeita	. 60

Para Vermeer	. 61
Guardião do Farol	. 62
Dança de Isadora entre as colunas	. 63
O silêncio invade a escrita	. 64
Grito	. 65
Foto num vidro partido	. 66
Do livro mudo	. 67
Grimório	. 68
Dia da Romã	. 69
Genezaireth	. 70
O menino louco	. 71
Cartaz no museu	. 72
Praia da Armação	. 73
O copo na janela	. 74
Livro na mesa do atelier	. 75
Le cerf et la licorne	. 76
O fundo do olho	. 77
Insônia de von Chamisso	. 78
Skiagraphia	. 79
Pinacoteca de Alexandria	. 80
Antigas ruas	. 81
Ur	. 82
Pobre Xantipal	. 83
Na última viagem de Pigafetta	. 84
Ornitorrinco	. 85

Magistério

Quanto mais subires, maior
silêncio. A corneta petulante
não alcança estes páramos.
Nuvens como rochas e
último grito – Oh! Água,

gesta impenetrável!

Memórias ainda sangram,
outrora apetecidas. Consulto
apenas o sopro

de flautas quebradas.

Inseto

Esqueça-se a teia.
Observe-se a aranha,
suas pernas concêntricas
de estrela. A vetustez
enorme da surda
aranha na parede.

Esqueça-se a vã
literatura que a per-
segue com patas
ligeiras. Traz muita

fortuna a filha
de Saturno.

Imagem Piedosa

Espasmos, convulsão, olhar
preso no alto, a prumo. Cata-
clisma do lençol onde
se perdem sangradas mãos
buscando o seio, furiosas.

A cabeça pendida salta
do marmóreo pescoço
sobre o coxim de Paros

com farta marchetaria.

Jogo

Primeiro amar os dados,
tutores das moradas. Sempre
com malícia atirá-los
sobre a mesa sem ocupar-se
de outras faces – Onde vais?

Agito o copo,
atiro as pedras.

Tantos tactos sono-
rosos trato – dados por
vertigem lado a lado.

Furtar sem felonía,
abrir última porta.

Vigia

Para Victor

O vigia dormirá dentro da arca. Saberá
ele de vinganças mouras, de frutos envenenados?
A chuva abre picadas na argamassa.
O vigia, seus pertences: – o capote azul,
a tosse das madrugadas. Uma caneca,
o escapulário de Salomão. Ninguém
te visita por dias inteiros. Em outra parte
ou fábula, mostras o rosto, retocado
por ácido silêncio.

Contas os passos e os separas
da quadratura determinada pelo eco
no tabuleiro – Tu, prisioneiro

manco, mordomo incapaz de trançar
cama de gato. Quantas peças tem a casa?
Quantas vezes elas mudam?
Sonhas galerias, pátios, alamedas.
Mas onde dormes tu, vigia
do museu, macaco do arquiteto?

Na mesa da copa

O café derramado
espalha-se na mesa for-
mando parágrafos.
Este barco é o Argos

que escorre para baixo
da mesa em direção
da Cólquida. O círculo
estampado pelo pires

é Febo, pai
da cruel Medeia,
diz a narrativa.

Cantar é inútil

Nenhuma linguagem apta
a traduzir a rápida ária
do abraço imobilizador

que fátuo gozo arrasta
através do zodíaco

antes de imobilizar-se
– por fim – no centro da teia
onde cristalina aranha
– meu Deus! – devora
a si mesma...

Caleidoscópico

Giras o canulado instrumento,
caleidoscópico precioso que,
de ouro e metileno, especula
jogos infinitos com a luz
sem repetir

uma única estrela.

Galeão

Qualquer galeão perfeito
ou falua sabe atravessar
a noite escura
do sono. Outros

mediterrâneos atravessas
por certo, dobrando o mole
travesseiro. Muitos perigos
oferecem escarpas rochosas

se caminhas para trás.

Vozes distantes, lanternas
agitadas, não podem
afastar o destino.

Para acordar o novo canto

Para acordar o novo canto
deves sacudir os lençóis sujos
da cinza das janelas e
arrastar o piano
inútil, para longe...

Nenhum ruído corta
o silêncio reverente
onde brota o novo
canto energético do cacto

capaz de imobilizar
cavalo e cavaleiro
e uma ave no céu

como primeiro
acorde de clarinete.

Sobre um versículo do Eclesiastes

A oculta tradição do riso
é nobre emblema. Confere
ao sussurro da seda
seu último propósito.

Liberando a seiva do canal
das veias, propões, entre batuque

e fado triste, o primeiro
duelo vitalista: tradição
do espanto e tradição

do novo – para zombar
do susto permanente
dos tolos.

Poesia excluída da Natura

Qual o mais raro? A samambaia
ou rígido conceito? Falas, falas...
E o verbo incerto abandonas
à lira conceitual e
seu despeito. Exclui-se

a imagem, o verso é pardo.
Os cães de Adônis fogem
pela mata. Falas...
Contudo a voz te falta
e a poesia é mera
disciplina. – Raro?

Incômoda no poema
a presença da Natura.
Colher avencas, elegia
insistente. – Pode mesmo

dizer-se: – a poesia é concreta,
só letras no papel.
Festa muito frugal.

La Tête du Belier

Sou meu próprio princípio
de regozijo, onde posso arder
com esperança. Meu horizonte
é meu silêncio. É força a ser-
viço da rainha, nossa padroeira.

Ei-la distribuindo minha boa
lã turva. Indiferente prossigo
despojado de meus dons.

Silencioso horizonte é outra
campina azul. Aos cuidados
da capoeira alada avanço
contra os muros da aurora

entusiasta e afeito
aos princípios da virtude.

Erasmus

Regozija-se sozinho pela tinta preta
e pela ideia do labirinto. Infinitas
cadernetas nada provam,
imóveis no aparador onde
um rato mastiga pão seco.
(– mas a tinta veio da China...)

A mão que empunha o cálamo
é meticulosa e densa
e muito ágil. A linha

da escrita bem nítida
não despreza
irônico floreio.

Hodie!

Ferido sempre por vidência,
rípido apelo celebra com
violas. Nenhuma paz
na sombra perseguida,
indício da noite luminosa.

Sobre o peito fria medalha,
imagem da couraça e
das sandálias. Mégara.

Damasco. Onde ficam?
O tempo urge. Aproxima-se
a balsa da Medusa.

Anedota

Quem cobiça minha taça
deseja minha morte – considera
friorento poeta despossuído.
– Linda cratera que frio
comparsa me tomou – por
minha pobre condição...

Valor – memória. Tudo des-
materializado por três moedas,
em forma de linda ária
maneirista. Agora é tarde.

No cenário de vagos con-
tornos, entre arcas e cadeiras
se perseguem velha ratazana
e um gato cortês.

Alumette

A eliminação progressiva
das palavras será o totem
da reconciliação. Impossível
regredir até
nova glassolia.

Em torno do crânio enrolei
meu colar de mariposas,
consumi todos os fósforos do dia.

Por isso

cantas ao inacessível
Deus da fala nas horas
canônicas. Tudo em vão.
É tudo em vão.

Impossível correr.

O espocar da chama
indica o caminho
de nova serenidade.

Eco

Corre pelos caniços
e chama – corre
o eco
pelos caniços
e chama.

Reflexão numa taba

Não nasci aqui, disse o mais velho
homem da tribo. Não nascemos
neste vale insalubre, onde
prolifera o inseto da maleita.
Viemos de muito longe:
– O dossel sobre meu berço
agitava palmas sedosas. Nada
era pálido como agora, nem a água
assim estagnada. Sonho com céus ver-
melhos, com o tumulto das corredeiras.

A memória é um pano roto
sobre uma jarra seca. Tontos
avós sempre vagando... De onde
viemos? – De teus sonhos,
ou de lugar nenhum.

Andarilho

Às vezes abre-se uma porta. Avista-se
o vestíbulo, uma nesga de salão
iluminado. Adivinham-se os fastos
da alegria. Dança-se com elegância
e gravidade – pois alegria ver-
dadeira é sempre um pouco
solene, com certos ares de espanto.

Mas logo fecha-se a porta
e somente a noite silenciosa
se estende à nossa volta.

Um acidente

– Socorro! Brada o espelho.

Impossível atendê-lo
a tempo. Pedacos de vidro
espalham-se no chão
fora da moldura
desolada.

Os cacos refletem rostos,
paisagens esquecidas.
Tudo brilha
um instante.

Logo desbota
e desaparece.

Coral

Cada mão tem cinco dedos,
o coral fossilizado. Arbóreo
sobe sempre, imita

a chama. Assombra
os anjos nos altares
o coral fossilizado.

Em suas raízes ver-
melhas o Leviatã
já se aninha cruel,

protuberante – mas
bem preso no fundo
do coral fossilizado.

Clepsidra

Corre filtrada areia
na parnasiana clepsidra
e não o tempo. Enche

o copo vazio, esvazia
o copo cheio. Lenta rapidez
apressada vagareza.

Cantando esco
fulva e perpétua
a mesma areia.

Chá

Depois da quinta xícara
são poucos os que
contam. Na verdade

dois ou três, pouco
mais. Olho à volta:
– Que desastre! Anis
adulterado e sede
insatisfeita fazem

o mundo aborrecível.

Não posso negar

Não posso negar que o apelo
noturno da Stryx Flammea
estimula meu desejo
de voar.

O mundo – transformado em ácido
desejo – clama por meu canto
profundo, de cego.

Mas

– Como entreter as sombras?
Como transmitir minhas queixas
aos perfeitos? Sob o pátio
sem rugas, ouço

o apelo do bosque.

Natureza-morta

Ouve-se o zumbir da mosca
explícita na lâmina de nata
seca que arrefece
na borda da jarra

penumbrista.

Um pouco além está o peixe.
Prata e cinza. Com auxílio
da lupa, uma crucificação
se avista no seu olho
parado. Frio dolor...

Esvoaçando o inseto pousa
sobre o talo do cravo
embriagado, preso

no copo.

Vigília

Palavras e pedras
ultrapassam
tua vida mortal.

Com enfado tomba
na areia molhada
duro fruto.

É noite. Ninguém
cruza o jardim.

Coribante

Inapelável registro trágico:
– Um punhado de arroz. Avareza
da luva roída por insetos verdes.

Nenhuma dádiva na dança.
Só louca alegria, música dia-
crônica da correnteza. E

as madeixas que arrancas
espalhadas pelo caminho
da noite inviolável.

Miragem

Fitas a linha ondulante
no papel e sonhas desterrados,
os passos na duna. E além
ergue-se Trebizonda

a Magnífica.

Caramujo

Ninguém viajou tanto.
Tuas vozes remotas,
como decifrá-las?

Cálcio e volutas,
sopro de mil bocas,
ninguém viajou tanto.

Frisado, atento
caramujo – tuas vozes

remotas.

Pombo

Confirma
marmóreo pombo
a circularidade
da Terra.

Voas luminoso Logos
de Moçambique
ao Desterro.

No bico traz
todos os alfabetos
do mundo.

Buquês

– Tenho ciúmes. Sou
constante. Amo
à distância.

Rosa, cravo e lírio

em diferentes buquês
trocam emblemas
os sonâmbulos amantes.

Da linguagem das flores
tudo sabe Mlle. Lenormand
desamada e feia.

Arlequim

Todas as mensagens
embaralhadas
no tricórnio.

Rápida música vestida
tu passas,
coberto de pícaros

losangos coloridos.

Dama ao volante

A vida veloz corre no vidro. Golpes
certeiros cortam os braços
da árvore que passa. Desliza
a terra inteira. Foge
o tempo astuto sem criar

raízes, sem plantar bandeiras.
Qualquer sombra é nuvem
na parede da oficina.

E tu corres, tua echarpe
branca. Tua face atesta
a perfeita imobilidade

das coisas sem alma.

Corpo celeste

Irradia frio o minério
da estrela. Sussurra
e pisca o calado
espectro.

Anônima estrela
por instantes fulges
teu epigrama.

Trapezista

O trapezista cai do alto
mas o chão logo o devolve
em estilhaços.

A nuvem e a torrente
prendem estas facas
com os dentes

e correm ligeiras
rumo à face Ab-
soluta do sol negro.

Em pandemônio água e
vapor refazem o corpo
em toda sua dureza.

Na Síria Oriental

Na semente imortal
da chama arde
o nome de Cristo

de olhos rasos
lunares além
do fogo

onde abrigamos
nossa devoção.

Na chama
toda Esperança.

Cão dormindo na soleira da porta

Faz-se caracol
ajusta-se à porta e sonha
– por que não? – com algumas
esquinas da acrópole

onde aconchega-se ao manto
do seu dono, compulsivo
orador e pícaro vendedor

de sementes trazidas
da Pérsia.

O cão adormecido
na soleira da porta
abre um olho
e suspira.

Fogo de Artifício

Um castelo no ar.
Efêmero, ilusório,
em chuva se desfaz,
de lágrimas

e tomba lentamente
sobre o jardim
maravilhado.

Sino

Vibra a corda do sino
ainda imóvel
na tarde

e tomba.

Trançada corda do sino
inclinas
a abóboda celeste.

Tambor

Primordial
bate nas têmporas
latejas

seco, sempre
além das palmas
vais ruflando.

I walk with a zombie

Entre a casa branca e o mar
qual a distância – de noite?
O sono e a morte
transmitem o mesmo peso
nos braços do amante
tomado pelo vodu.

O mosquito silencioso
não isola do leito
o batuque expansivo
do outro lado da ilha,
além do calafrio
no canavial.

Adormecida
a mulher desliza
rumo ao encontro
do Exu Carrefour.

Oficina

Para Leonor Scliar

Da paixão não te privas
pelo esquadro, nem
da abelha cuja
picada

te embriaga, ó lapidário.

Só te enobrece
esta casta devoção
pela mentira

– Estrela azul,
tua força, ó lapidário.

Moleiro sonâmbulo

O fútil grão de areia des-
loca sete torres. Muito
saberás ao fim do dia.
Em ouro puro trans-
formas a água corrompida.

Foges agora.

A foice da lua recorrente
te saúda, pois tudo abandonas.
Ignaro, apenas cinzas
conduzes ao moinho

sem ouvir as doces
canções dos aprendizes.

Fisiognomonía

Tigres. Asnos. Chacais.
Todos exibimos na face
os traços do animal
armoriado que Gian

Batista Della Porta
isento de malícia
localiza, per-
filado no sangue

demonstrando

a irrecusável verdade
da fisiognomonía. O tigre.
O boi. O cão

alado. Rampante. Frívolo
ou sisudo. Confiante, tor-
tuoso. Ninguém foge
do mágico zoológico.

Avestruz, juiz.
Cão, carcereiro.

Sonho

Afastam-se passos no cascalho.
Quem leva nos braços
o menino-rei?

Pisam de leve os raptores.
Com mantos largos varrem o chão
roçando estrelas na areia fosca.

Com dois suspiros chegam ao mar,
afastam-se lentos num barco aberto
os arcontes mais dedicados.

Somem nas ondas, somem nas ondas:
levam consigo num relicário, feliz
em sonhos, o pequeno rei.

Largo 13 de Maio

Sob o látego do vento
o cartaz engomado voa
para o mar. É sábado.
Nunca saberei a data
em que estreou a peça
ilustre, a história

da cega de Sorrento.

A cama desfeita

Nestas ondas agitadas engolfam-se moreias
e procuras em vão lúdicas regatas,
canoeiros loquazes do meio-dia. Entre
as dobras revoltas das ondas
não encontras marcas de repouso.

Olha à tua volta: – onde foram os risos,
os cantos noturnos, o tatarar das velas?
A praia está vazia. Persistente

trazido pelo vento
para o perfume dos sargaços,
em torno da cama desfeita.

Para Vermeer

A carta da noiva judia, perfumada
de canela, onde foi que se perdeu?
Uma só linha apagada faz a vida
tomar rumo diferente.

A carta que tu procuras
entre licoreiras perdeu-se
na mesa do capitão.

Ninguém viu a linda carta
com aroma desbotado,
escrita com sete cores
no outro lado dos mares.

Tão distante foi lacrada
com cera cor de romã
esta carta estremecida...

Ninguém sabe dizer nada,
ninguém traz notícia alguma
da carta da Bem-Amada.

Guardião do Farol

Por meses e anos, abres
o mesmo caderno
de provérbios

onde se fala
de algodões salgados
por ciclones. Caprichoso

anotas relatos paralelos
ao espelho negro. Infalíveis
transmutações do touro
em bronco escaravelho.

Escalas tua vida
ofuscado pela brancura
da torre no rochedo.
Apuras o ouvido

ansioso pelos naufrágios
que adivinhas.

Dança de Isadora entre as colunas

O sol como objeto será in-
clemente, posto que passagem
e o símbolo me basta como sinal
de alforria. Emoldura-me

o sol desfigurado pelo punho
da luz, quebrando, uma a uma,
as colunas. Na mesma

palavra, sentido oposto.

Salso elemento articulado
como serrote rasga o peplum,
entorna os barcos na mesma

paisagem.

Só resistem as colunas
e o vulto manchado
dançando no filme.

O silêncio invade a escrita

O silêncio invade a escrita,
toma por inteiro a paisagem
ominosa da caligrafia

como buril, ferindo
no metal, risca finas es-
trias e ilumina, com
ressoante algazarra,

a sisudez cativa da fantasia
princesca. O silêncio
invade a escrita e

o invisível molda-se na cera.
Na penumbra desta operação
abre-se calado dique

que tudo alaga.

Grito

Sem troca de sangue
nenhuma muralha será
rompida e toda frater-
nidade impossível
sem o grito.

Recomenda-se

seguir o curso
irrecuperável dos rios,
pois o corpo verdadeiro
saberá instruir-se

junto aos cínicos.

Difícil somente
é imitar
os cães.

Foto num vidro partido

Libera a imagem, procura
o esquecimento. Deixa partir
diante de teus olhos o barco
ansioso de naufrágios.

Libera esta imagem
pesarosa dos dias coloridos
capazes de queimar
tuas mãos, teus lábios.

Libera as figuras favoritas.
Deixa elas partirem
rumo ao esquecimento.
Nada perguntes...

Dormir, dormir
como dorme
um não nascido.

Do livro mudo

Afirma o narrador em-
bragado que no princípio
eram todos felizes. De
serra em serra, tambores
repetiam a capital folia
dos imortais, os Adorados.

Às vezes na curva ines-
perada da trilha, algum
crânio limpo coroado
de lírios afirmava a pre-
sença primordial do riso.

– A natureza, sentenciava
a cobra – ou o macaco –, nunca
acaba de nascer.

Grimório

Dois pais tem Meroveu no Rio
Calunga. Mas quem grita?
– Aquele que morreu.

Chamou o peixe coroadado,
somentemente o vento lhe atendeu.
– E a voz de quem nasceu...

Sobre a mesa leu três pães,
dobrou a toalha, logo mais
– todo perfumado – foi
um pão que apareceu.

Com gratidão, um hino
ele entoou – soberbo hino
entoou feliz. Nas águas
turvas ninguém lhe respondeu.

Dia da Romã

Dura água de Espanha, fonte
calada. Trinta moedas me deram
cortando um ramo, pois
marrano sou. Conheço

a bússola de areia, roteiro
circular das chamas.

Sendeiro perfeito é mão ferida,
incorrupta mão colhida
por ciência da aurora.
Semente partida
na margem do Estige.

Dura água do Estige.

Genezareth

O mormaço da piscina
arde mais que a febre
dos corpos

rotos na batalha.

Panorama de mantos
úmidos e padiolas. Es-
cudos cariados, poças
d'água turva.

De manhã ouviu gritos,
hinos, aplausos, ecoando.
Um quarto para as onze
pediu Fernet Branca e

desceu com o livro, jornais
óculos escuros,

até a pérgula.

O menino louco

Fizemos um relicário
para a alma dos pássaros
acolhidos com trombetas.
Macia transparência

do papel diante da janela
aberta para as amoreiras,
e um trinado capaz

de acordar os mortos.

Cartaz no museu

Na dúvida, permite-se sobreviver
a si mesmo. Abandonar tudo
para conhecer tudo.

Brindarás ao espanto
das novas fontes
de alegria. O mugido

do touro afirma
o parto de si mesmo
com a lua entre os cornos,

repleto de temor.

Praia da Armação

Uma ânfora na porta
entre o umbral azul
e a cal do muro
eleva-se

com duas alças
e corpo afunilado.
Apoia-se na aspereza

como dançarina ar-
caica, tonta de
silêncio.

O copo na janela

Pediste um copo d'água
para mergulhar os olhos.
Tu, disperso pelas sensações,
insatisfeito com tudo que
te oferece o mundo.

E assim foi feito. Mas
não bebeste. Teu ur-
gente pedido ali ficou
pousado na janela, ris-
cado de gotas ligeiras,

reflexo e suporte
da paisagem, com ironia.

Livro na mesa do atelier

Para meu pai

Lendo o “Parsifal” manchado
de aguarrás e tinta escura,
pelas águas turbulentas
do Rio Caveiras.

Comentas o espanto repetido
nos velórios diante
de vida tão curta, escala

entre dois prantos. Mas ria
o narrador, folheando
o amarfanhado volume

de João Grave, com tantas
roletas e peripécias de Saturno.

Le cerf et la licorne

Contempla esta tapeçaria, toca
sinuosa estampa. Admira a trama,
o esmero do tecelão,
a ousadia do conceito.
Os nós da cadeia

oferecem ao olhar e
ao tacto uma felicidade
sem par. No campo de folhas
entrelaçadas com arrebatamento
descobrimos fios vermelhos,
azuis, cor de musgo. Ali
abrigam-se licorna e

galante alce portador
de duas bandeiras onde lê-se
que Deus criou tudo.
Mas – Que Deus? Indaga o impertinente,
Que Deus? O mecenas
gratificou o artista.

Mas o secreto esplendor
a quem pertence?

O fundo do olho

Dos componentes do olho
o açúcar impudico, lâmina fixa
no canal onde perpassa o alarme
– sinal fixo – é comparsa fatal
da úmida górgona.

Importante é saber

que o juiz e o carrasco
do país das aves
(também o açor)

nunca contraem a pupila.

Insônia de von Chamisso

A imagem cristalina da Utopia
me impele fatalmente
por ilhas novas. Tudo inter-
rogo: – O pano seco na urna
de cerâmica. E as muitas
águas que insetos e
ossadas vão bebendo.

Sem sombra me alço sobre
tabas e danças do leopardo.
Sem sombras, sem vinho,
sem mãe.

Perdido, na orelha trago
um ramo verde para
poder dormir.

Skiagraphia

A sombra escrita enumera
os objetos esquecidos por minha
mão. É preciso mergulhar
no salgado oceano e
recuperar a luz
antiga.

No fundo da gaveta o pente
de tartaruga contabiliza
nas vértebras a escala
da cítara dórica.

Todos olhamos para trás
enquanto a máscara do sono
cobre nossa face

suja de lava.

Pinacoteca de Alexandria

Nunca ardeu a pinacoteca de Alexandria,
nunca ardeu. Encontra-se dispersa
entre cosmogonias e alçapões.

Setenta mil retratos da mesma
criatura em atitudes diferentes,
agora irrecuperáveis. Na exata
superfície da cabeça do alfinete

Zózimo de Abdera capturou
as maravilhas todas de um só rosto.
Sobre lâminas de cera ardente
em tabuletas de cedro, registrou
a máscara do mais volátil
ser do universo.

Pasmoso acervo do museu errante.
Empréstimos, embaixadas, roubos...
E, mais feroz que tudo, o tempo
dispensou as delicadas maravilhas.

Antigas ruas

Ruas do Silvado, do Alecrim. Rua
da Paloma e Rua dos Quartéis
Velhos – Rua Régia...

Rua do Abandono
com janelas abertas e
o vulto ligeiro

de Joaquina Enchova
escorraçada pelos cães.

Ur

Onde acaba o culto das estrelas
começa a manipulação pródiga
do barro. As mãos crescem
cruzadas no peito
sobre as dobras do manto.

E os olhos enormes – ainda tontos
pelas tropelias dos cometas –
ponderam sobre
as possibilidades da lama.

Grava-se na pedra
o primeiro zodíaco.
Os astros coadjuvantes
também zelam pelas
colheitas.

Pobre Xantipa!

Deixa os tamancos na porta
e corre para o tacho bor-
bulhante de gordura, soda
cáustica e cinza da encosta,

cinza vulcânica, boa
para limpar manchas
de vinho. Ergue a ponta

do avental, enxuga as faces,
os olhos em fogo. Com
pá de madeira
girando na massa fervente

espera o sabão
ficar no ponto. Pobre,
pobre Xantipa!

Na última viagem de Pigafetta

Astuto espevita a lamparina
enquanto a aurora desatada
oferece com pálido entusiasmo
o brilho fosco do futuro

que ainda esconde
atrozes rompimentos
e um novo calendário

com entusiasmo afetado. Pros-
segues se poderes tua viagem!
– Logo encontrarás sur-
preso, nenhuma Ilha de Rhodes,
mas teu ponto de partida.

Ornitorrinco

Celebremos as núpcias do ornitorrinco
gentil e pertinaz. Brindemos
a natura folgazã, que –
por incansável amor
ao paradoxo – cheia de
recursos, concebeu

este jardim de todas as delícias
com a torre inclinada e
o tarot de Marselha.

– Mas sobretudo
criou o ornitorrinco solidário
elaborado, como todos nós, de
partes antagônicas para maior

triunfo da unidade, animal
sonhador que fecunda

e brota de si mesmo.

Este livro foi editorado com as fontes
Utopia Std e Adobe Garamond Pro.
Miolo em papel pólen *bold* 90g. Capa
em cartão supremo 250g. Impresso na
Gráfica e Editora Copiart em sistema
de impressão *offset*.

Nenhuma linguagem apta
a traduzir a rápida ária
do abraço imobilizador

que fátuo gozo arrasta
através do zodíaco

antes de imobilizar-se
– por fim – no centro da teia
onde cristalina aranha
– meu Deus! – devora
a si mesma...

